



INSTITUTO  
**VOX**

DE PESQUISA EM  
PSICANÁLISE

MULHERES | POLITICA | PSICOSE

**O mais além – do decreto de Creonte:  
a morte de Polinices como objeto de poder e ódio**

[www.voxinstituto.com.br](http://www.voxinstituto.com.br)

**PACHIONE**, Tânia Aparecida. O mais além - do decreto de Creonte: a morte de Polinices como objeto de poder e ódio. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Texto apresentado na Jornada de 2021. Fevereiro 2021.

**O mais além – do decreto de Creonte:  
a morte de Polinices como objeto de poder e ódio**

Tânia Pachione

**Introdução**

A tragédia grega Antígona<sup>1</sup> escrita por Sófocles em 442 a.C., encenada como peça é trabalhada por Lacan no Seminário: livro 7, como ponto de virada entre a psicanálise teorizada por Freud e a praticada pelos pós freudianos, para discutir a ética da psicanálise.

A peça Antígona é a terceira peça em ordem cronológica escrita por Sófocles, a tragédia fala sobre a cidade de Tebas e a disputa quanto ao reino. Antígona é irmã de Ismene, Polinices e Etéocles, todos filhos do casamento incestuoso de Édipo e Jocasta. Após a revelação do enigma envolvendo o nascimento de Édipo, esse exila-se e Antígona o acompanha até a sua morte. Quando Antígona retorna a Tebas seus irmãos disputam o trono e após a batalha ambos morrem. Seu tio Creonte herda o trono, faz o sepultamento de Etéocles com honras e decreta que Polinices não terá esse direito e o corpo ficará exposto a putrefação e aquele que o enterrar estará sujeito a pena de morte.

Diante da posição de Creonte que considera Etéocles, defensor da pátria, e Polinices como traidor, surge a questão se ambos não seriam traidores do ponto de vista da disputa do trono e das leis comuns ao reino, pois Etéocles, caçula, destituiu o trono do irmão Polinices, primogênito, e sucessor legítimo ao trono quando da partida do pai, Édipo, de Tebas.

A articulação deste trabalho se fundamenta no personagem heroico Creonte e seu decreto diante do não sepultamento de Polinices. Creonte já indica no que considera ser um traidor da pátria, (...) *Sua interdição concernindo a sepultura recusada à Polinices, traidor, inimigo da pátria, é fundada no fato de que não se pode igualmente honrar aqueles que defenderam a pátria e aqueles que a atacaram* (LACAN, 1959-1960/2008,

---

<sup>1</sup> Sófocles (496 a.C. – 406 a.C.). *Antígona/Sófocles: tradução de Donald Schuler*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2013.

**PACHIONE**, Tânia Aparecida. O mais além - do decreto de Creonte: a morte de Polinices como objeto de poder e ódio. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Texto apresentado na Jornada de 2021. Fevereiro 2021.

p.306), Para Creonte, Polinices é aquele que ataca o reino e não é digno de sepultamento, enquanto Etéocles é sepultado com honras por defender a pátria.

O primeiro diálogo da peça entre Antígona e Ismene transcrito abaixo expõe a tragédia que será base das elaborações do trabalho.

Não conheces o decreto de Creonte sobre nossos irmãos?  
A um glorifica, a outro cobre de infâmia. A Etéocles – dizem – determinou dar, baseado no decreto e na lei, sepultura digna de quem desce ao mundo dos mortos. Mas quanto ao corpo de Polinices, infaustamente morto, ordenou aos cidadãos, comenta-se, que ninguém o guardasse em cova nem o pranteasse, abandonado sem lágrimas, sem exéquias, doce tesouro de aves, que o espreitam famintas. (...) O assunto lhe é tão sério que, se alguém transgredir o decreto, receberá sentença de apedrejamento dentro da cidade.<sup>2</sup>

Minha questão é refletir sobre o que leva Creonte a impedir o sepultamento de Polinices já morto - em que Creonte está implicado neste decreto? Porque a traição de Polinices ganha um foco maior do que a de Etéocles?

E a partir destas questões e de outras falas que compõem a peça saliento outros versos em que Creonte se coloca como aquele que tem o poder acima de tudo e faz suas próprias leis de acordo com sua vontade:

*O inimigo, **nem morto**, será considerado justo.* (SÓFOCLES, 2013, verso 522, p.39), o julgamento moral no que Creonte considera justo, diante da morte de um inimigo e de um defensor da pátria, mesmo o inimigo já morto.

*A cidade, acaso, **me dirá como devo agir?*** (SÓFOCLES, 2013, verso 734, p.53, grifo nosso), não há possibilidade de intermediação entre o coro e Creonte.

*A cidade não pertence a **quem governa?*** (SÓFOCLES, 2013, verso 738, p.53), o poder que Creonte acredita ter e tem para fazer o que quiser no reino.

---

<sup>2</sup> Sófocles, (406 a.C. – 406 a.C.). Antígona/Sófocles: tradução de Donald Schuler. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2013. Versos 21 a 38, p.8.

**PACHIONE**, Tânia Aparecida. O mais além - do decreto de Creonte: a morte de Polinices como objeto de poder e ódio. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Texto apresentado na Jornada de 2021. Fevereiro 2021.

A partir destas falas e com base na pesquisa que desenvolvo em grupo sobre os ódios<sup>3</sup> no Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise desde 2019, possibilita levantar o tema dos ódios a partir do personagem Creonte, que, ao fazer o decreto, usurpa a lei, visa algo além das condições do ser humano.

O humano pressupõe primeiramente a entrada na linguagem, pelo simbólico, onde ao nascermos somos nomeados e desejados pelo outro, isso nos constitui como sujeito. Com a morte, estas referências são mantidas a partir dos ritos fúnebres, tem-se um lugar simbólico que podemos pensar como sendo um túmulo, uma lápide; o que Creonte destituiu com seu decreto é essa referência à Polinices, por não lhe dar este direito, recusando as leis vigentes da pátria e fazendo a sua própria lei.

## **1 – Agressividade e os ódios na psicanálise**

Ao pensar no decreto de Creonte me questionei se este tinha relação com ser agressivo ou ser odioso com Polinices diante do que é ser rei, visto que Creonte é um sucessor indireto devido à morte de Édipo e seus filhos, para isso retomei a teoria de Freud e Lacan.

Revi o texto *A agressividade em psicanálise* (Escritos, 1948) onde Lacan desenvolve o tema da agressividade como “*a intenção agressiva onde o efeito se dá na imagem própria*”, ou seja, a agressividade revela a condição do homem em sentir-se abalado na própria imagem. Ele tem a intenção de agredir quem o abala tanto quanto ele faz questão de abalar a imagem do outro. A agressividade neste eixo revela a relação entre o registro imaginário e o registro simbólico, pois há possibilidade do sujeito poder se expressar pelo diálogo frente ao que ele considerou uma agressão verbal, gestual, do outro para com ele.

Para Freud no texto *As pulsões e seus destinos* (1915), o ódio é elaborado em relação ao amor e as pulsões do Eu e de autoconservação, e diz que o ódio advém da luta do Eu pela sua conservação e afirmação, não tolerando qualquer fonte de desprazer por ele sentido, abominando e perseguindo estes objetos fonte de desprazer. Ao perseguir

---

<sup>3</sup> Grupo de pesquisa do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise – Os ódios abordados a partir das vociferações na clínica e na política.

**PACHIONE**, Tânia Aparecida. O mais além - do decreto de Creonte: a morte de Polinices como objeto de poder e ódio. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Texto apresentado na Jornada de 2021. Fevereiro 2021.

Polinices, seu objeto de ódio, até após a sua morte haveria algo desprazeroso para odiar, podendo relacionar-se com o significante que sustenta a si mesmo.

Com base nesta posição narcísica, onde um abalo no Eu gera o ódio, entendo que Creonte é abalado por Polinices quanto à questão da legitimidade de seu poder pelos súditos, representados na peça pelo coro que leva a mensagem de que o povo questiona e não está satisfeito com o desfecho do decreto.

No capítulo VII - *Identificação*, do texto *Psicologia de grupo e a análise do Ego* (1921),

“(...) a identificação deixa inteiramente fora de consideração qualquer relação de objeto com a pessoa que está sendo copiada.”

(FREUD, 1996, p.117),

A partir daí, as relações de parentesco entre Creonte e Polinices (tio e sobrinho) se extinguem, e passam a representar um objeto qualquer.

Neste mesmo texto, no capítulo VI – *Outros problemas e linha de trabalho*, Freud continua a elaborar que “*O líder ou a ideia dominante poderiam também, por assim dizer, ser negativo.*” (FREUD, 1996, p.111).

Considero Creonte como esse líder que vê em Polinices esse objeto destinatário de seu ódio, como forma de preservar seu Eu frente a traição de Polinices e ocorre uma unificação dos laços emocionais de forma negativa.

O ódio, como relação com um objeto, é mais antigo que o amor: ele brota do repúdio primordial do Eu narcísico perante o mundo externo portador de estímulos. Como exterioridade da relação de desprazer provocada pelos objetos, ele permanece numa relação íntima com as pulsões de conservação do Eu, de modo que as pulsões do Eu e as pulsões sexuais podem facilmente entrar em uma oposição que reproduz aquela entre o odiar e o amar. Quando as pulsões do Eu dominam a função sexual, como na fase da organização anal-sádica, elas também emprestam à meta pulsional as características do ódio. (FREUD, 1915 [2020], p.61)

O conceito de “narcisismo das pequenas diferenças” vem sendo trabalhado por Freud desde 1918 e no texto *Mal estar na civilização* (1930 [1929]) Freud diz “*É sempre possível unir um considerável número de pessoas no amor, enquanto sobrarem outras*

**PACHIONE**, Tânia Aparecida. O mais além - do decreto de Creonte: a morte de Polinices como objeto de poder e ódio. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Texto apresentado na Jornada de 2021. Fevereiro 2021.

*peçoas para receberem as manifestações de sua agressividade"* (FREUD, 1996, p.118-119).

Em se tratando do ódio, não há possibilidade de diálogo entre o sujeito e o outro: há um abalo real e a destruição do outro é o seu objetivo.

*“(...) Há uma dimensão imaginária do ódio, na medida em que a destruição do outro é um polo da estrutura mesma da relação intersubjetiva (...) a dimensão imaginária é enquadrada pela relação simbólica, e é por isso que o ódio não se satisfaz com o desaparecimento do adversário. Se o amor aspira ao desenvolvimento do ser do outro, o ódio quer ao contrário, seja o seu rebaixamento, seja a sua desorientação, o seu desvio, o seu delírio, a sua negação detalhada, a sua subversão. É nisso que o ódio, como o amor, é uma carreira sem limite.”* (LACAN, 2009, p.360).

Como diz o provérbio, *“aquele que odeia não para de pensar no outro”*, não para de buscar a melhor maneira de acabar com ele, de se vingar, mesmo que esse já esteja morto. Por causa disso mesmo é que podemos pensar que não apenas o amor, mas também o ódio, são formas de ligação.

(...) amor e ódio estão ligados naquele ponto preciso em que o que é visado pela vida, em última instância, é a destruição. Seja destruição de todo e qualquer limite que emprega uma ligação sem fronteiras, seja destruição do Outro, ora para eliminá-lo, ora para se ligar a ele pela morte. (DIAS, 2012, p.112-113)

(...) o ódio surge como uma reação do sujeito posto em ato de um fracasso da imagem em dar conta de ser significante. Entendendo desde então que essa imagem abalada é a referência na qual o sujeito sustenta o seu si mesmo. E, a depender do tipo de discurso do qual ele *participa*, o si mesmo pode ter se amalgamado ao de outros, de maneira a que qualquer diferença seja recusada, pelo ódio.” (DIAS, 2012, p.50).

(...) O ódio é uma proteção conta a angústia, principalmente se considerarmos que a falta de significação do desejo do Outro para o sujeito como base da angústia é o que o ódio sutura pela significação hostil atribuída ao sujeito. (DIAS, 2012, p.83)

**PACHIONE**, Tânia Aparecida. O mais além - do decreto de Creonte: a morte de Polinices como objeto de poder e ódio. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Texto apresentado na Jornada de 2021. Fevereiro 2021.

Dias alinhava o conceito de ódios pelo fracasso da imagem em dar conta do ser significativo que, diante desta angústia, responde pelo ódio dando significação a si mesmo.

A conceituação dos ódios nas teorias elencadas acima nos facilita para entrarmos agora no Seminário 7, e podermos ler Lacan em alguns poucos parágrafos, em que aborda o transbordamento, a ultrapassagem deste limite por Creonte, que entendo ser da ordem do ódio.

## **2 - Desenvolvimento dado por Lacan no Seminário 7 em relação ao tema do ódio**

Lacan traz, no Seminário 7, referências ao texto *Mal estar na civilização de Freud (1930 [1929])* para abordar o tema do mal ao próximo e destaca que o mal vai além do bem ao próximo, podendo causar sofrimento, tortura e morte:

Aqueles que preferem os contos de fadas fazem ouvidos moucos, quando se fala da tendência nativa do homem à maldade, à agressão, à destruição, e, portanto, também à crueldade. E não é só (...) O homem com efeito é tentado a satisfazer no próximo sua agressividade, a explorar o seu trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem seu consentimento, apropriar-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo. (LACAN, 1959-1960/2008. p.221-222)

Destaca, no mesmo seminário, a posição de Creonte dizendo que ele vai além do mal ao próximo, o que poderia ser considerado como um crime banal, mas não o é, e enfatiza que Creonte vai além, dizendo que é um ciúme que o leva a odiar e destruir o outro.

Não se trata de um ciúme banal, trata-se de um ciúme que nasce num sujeito (**Creonte**) em sua relação a um outro (**Polinices**), uma vez que o outro (**Polinices**) é tido por participar de uma certa forma de gozo, de superabundância vital, percebida pelo sujeito (**Creonte**) como o que ele mesmo (**Creonte**) não pode apreender pela via de nenhum movimento afetivo, nem mesmo o mais elementar. Não é deveras singular, estranho, que um ser (**Creonte**) se dedique a ciumar no outro (**Polinices**), **indo até o ódio, até a necessidade de destruir, o que ele (Creonte) não é capaz de apreender de maneira alguma por nenhuma via intuitiva?"** (LACAN, 1959-1960/2008, p.282, **grifo nosso**).

**PACHIONE**, Tânia Aparecida. O mais além - do decreto de Creonte: a morte de Polinices como objeto de poder e ódio. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Texto apresentado na Jornada de 2021. Fevereiro 2021.

Lacan pontua que *a lei sem limites, a lei soberana, a lei que transborda, ultrapassa o limite (...) e certamente é sobre um outro campo que Creonte, um inocente, transborda* (LACAN, 1959-1960/2008, p.306). No caso, o transbordamento de que Lacan fala é pela via do ódio, pela destruição do outro.

## **Conclusão**

Creonte decreta por acreditar e ter o poder de vetar quaisquer atos que permitam a realização dos ritos fúnebres para um ser humano, Polinices, e é nisso que ele transgredir esse limite em função do ódio - ou seja, pelo poder de destruir a imagem daquele que o ameaça naquilo que ele não se sustenta. Em sua imagem permeada pelo simbólico, pela linguagem, que ele tanto teme em seu ser, Creonte só consegue responder pelo ódio.

Nisso opera o ódio como tentativa de despossuir o outro de sua condição de humano, humanidade que é a própria castração imposta ao sujeito.

Algumas falas e determinadas situações atualmente são vistas como agressivas, e vêm sendo banalizadas, porém não tem qualquer relação com o conceito de agressividade; o que vemos é a expressão em ato, passagem ao ato do ódio que recolhemos nas diversas formas de se expressar, *perdi a cabeça* ou, até mesmo, *ahhh ele provocou e teve o que merecia*; torna-se comum e, por vezes, é o ódio diante da banalidade do mal, do que não é possível suportar - por exemplo, que o diferente nos constitui. Há uma naturalização de processos socialmente vividos, onde a manutenção do laço social, muitas vezes, exclui a subjetividade.

O simbólico permite que o sujeito, frente a uma morte, possa processar o luto. Isso é realizado, junto aos familiares e amigos através dos ritos fúnebres, que diferem segundo as culturas, mas há, na maioria, a expressão desta perda através da fala, do choro, chegando ao sepultamento e uma lápide onde simbolicamente há um nome - e, portanto, uma história, a qual foi negada a Polinices pelo ódio expresso por Creonte; Creonte ultrapassa o limite da castração.

Ao falar do ódio, não é somente um abalo da imagem própria do sujeito pelo outro, aqui falamos de agressividade; o ódio é um dano produzido que causa uma marca no sujeito, que é o efeito do registro do real no registro imaginário. Há o efeito de destruir a unidade imaginária, pelo ódio que é letal e mais perigoso, porque, de fato, o ódio leva o



**PACHIONE**, Tânia Aparecida. O mais além - do decreto de Creonte: a morte de Polinices como objeto de poder e ódio. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Texto apresentado na Jornada de 2021. Fevereiro 2021.

sujeito a destruir o outro -- está inserida a razão pela qual o ódio justifica-se pelas suas próprias leis.

A partir desta pesquisa abrem-se mais possibilidades de escuta clínica frente às manifestações no setting para uma importante diferenciação entre a agressividade e o ódio, não pelo viés da contratransferência e ou transferência negativa, mas inclui-la no manejo clínico como forma a propiciar um diálogo ampliado do sujeito e do analista frente ao Outro.

Considerando o ineditismo da articulação Creonte, Ódio, Ética, os possíveis impactos na clínica e o impacto pessoal (que teve para mim esse tema), convido vocês a uma possível ampliação dessas reflexões iniciais. Está feito o convite.

### **Referências Bibliográficas**

DIAS, Mauro Mendes (2012). *Os ódios: clínica e política do psicanalista, seminário/Mauro Mendes Dias*. São Paulo: Iluminuras, 2012.

FREUD, Sigmund, (1915). *As pulsões e seus destinos/Sigmund Freud*; tradução Pedro Heliodoro Tavares. – 1. Ed.; 5. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

FREUD, Sigmund, (1930[1929]). *O mal-estar na civilização*. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira/Anna Freud: assistido por Alix Strachey e Alan Tyson: traduzido do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund, (1921). *Psicologia de grupo e análise do Ego*. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira/Anna Freud: assistido por Alix Strachey e Alan Tyson: traduzido do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, Jacques (1948). *Escritos - A agressividade em psicanálise*. tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques, (1953-1954). *O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. texto estabelecido por Jacques-Alain Miller: [versão brasileira de Betty Milan]. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LACAN, Jacques (1959-1960). *Seminário, livro 7: A Ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

SÓFOCLES. *A trilogia Tebana*, tradução do grego, introdução e notas de Mário da Gama Kury, 15<sup>o</sup> reimpressão. vol.1. Ed. Zahar. <http://portaleinstein.com.br/uploads/7910sofoclestrilogiatebanapostadoem27.fev.pdf>, acesso 14/02/2021.

**PACHIONE**, Tânia Aparecida. O mais além - do decreto de Creonte: a morte de Polinices como objeto de poder e ódio. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Texto apresentado na Jornada de 2021. Fevereiro 2021.

SÓFOCLES. *Antígona/Sófocles (496 a.C. – 406 a.C.)*: tradução de Donald Schuler. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2013.